

Iara L. Camaratta Anton

# O CASAL DIANTE DO ESPELHO

Psicoterapia de casal  
Teoria e técnica

Casa do Psicólogo®

# O casal diante do espelho

Psicoterapia de casal  
Teoria e técnica



# O casal diante do espelho

Psicoterapia de casal  
Teoria e técnica

Iara L. Camaratta Anton



**Casa do Psicólogo®**

© 2009 Casapsi Livraria, Editora e Gráfica Ltda.  
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade,  
sem autorização por escrito dos editores.

**1ª edição**  
2009

**Editores**

*Ingo Bernd Güntert e Jerome Vonk*

**Assistente Editorial**

*Aparecida Ferraz da Silva*

**Capa**

*Carla Vogel*

**Produção Gráfica**

*Fabio Alves Melo*

**Editoração Eletrônica**

*Laura Gillon*

**Preparação e Revisão**

*Flavia Okumura Bortolon*

**Revisão Final**

*Vinicius Marques Pastorelli*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Anton, Iara Camaratta

O casal diante do espelho : psicoterapia de casal, teoria e técnica /  
Iara Camaratta Anton. -- São Paulo : Casa do Psicólogo®, 2009.

**Bibliografia.**

ISBN 978-85-7396-634-3

1. Casamento - Aspectos psicológicos 2. Cônjuges 3. Família -  
Aspectos psicológicos 4. Marido e mulher - Psicologia 5. Psicanálise  
6. Psicoterapia de casal I. Título.

09-02311

CDD-616.89156

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicoterapia de casal 616.89156

**Impresso no Brasil**

*Printed in Brazil*

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à



**Casapsi Livraria, Editora e Gráfica Ltda.**

Rua Santo Antônio, 1010  
Jardim México • CEP 13253-400  
Itatiba/SP - Brasil  
Tel. Fax: (11) 4524-6997  
www.casadopsicologo.com.br

## Sumário

<b>Prefácio, por David Zimerman</b>	<b>XI</b>
-------------------------------------	-----------

<b>Apresentação</b>	<b>XV</b>
---------------------	-----------

<b>1. Crianças x terapia de casal</b>	<b>1</b>
---------------------------------------	----------

Questionamentos de uma psicoterapeuta de crianças	2
---	---

Revisando conceitos e preconceitos	7
------------------------------------	---

A pequenina Sofia	10
-------------------	----

Os mentirosos	13
---------------	----

Da psicoterapia infantil à terapia individual de adultos, de casais e de famílias	16
--	----

<b>2. Indicações e restrições à terapia de casal</b>	<b>19</b>
--	-----------

Indicações	20
------------	----

Restrições	23
------------	----

Motivações e objetivos	26
------------------------	----

Indicação de abordagens terapêuticas	28
--------------------------------------	----

Uma nova geografia: espaços psíquicos	34
---------------------------------------	----

Encontro de subjetividades em terapia de casal	36
--	----

Um jogo de dominações	40
-----------------------	----

Questões fundamentais	43
-----------------------	----

Aliança terapêutica	44
---------------------	----

<b>3. Contato telefônico para marcação de consulta no atendimento a casais</b>	<b>47</b>
Peculiaridades	48
Fantasias e acordos prévios	52
Contato telefônico e marcação de consulta	54
Whithaker ao telefone	59
Outra ilustração de contato telefônico	62
Urgências	66
<b>4. Primeira sessão em terapia de casal</b>	<b>71</b>
Controvérsias	72
Acolhida	73
Apresentações iniciais	75
Informações a respeito da formação, da técnica e da pessoa do terapeuta	83
Considerações finais	87
<b>5. Contrato Terapêutico</b>	<b>89</b>
Questionamentos e pareceres de Berenstein e Puget	91
Frequência às sessões	93
Horários	99
Honorários	102
Procedimentos em relação a possíveis ausências e a outras exceções à regra	105

<b>6. Neutralidade em psicoterapia de casal</b>	<b>111</b>
Neutralidade	112
Neutralidade em espaço triangular	114
Neutralidade x humanidade e empatia	118
Neutralidade, terapia de casal e expectativa de mudanças	119
Quebra de paradigmas	122
Objetividade e subjetividade	124
 <b>7. O espelho terapêutico e seus reflexos sobre a conjugalidade</b>	 <b>129</b>
Terapia = tratamento de saúde	130
Paciente ou cliente?	135
A função especular em terapia de casal	137
Seleção do material a ser analisado	144
Terapia de casal x ampliação de leituras	147
 <b>8. Reconstrução em terapia de casal</b>	 <b>153</b>
Reconstrução e novas narrativas	154
Fragmentos e distorções refletidos no espelho	154
Função especular e terapia de casal	156
Reedição de histórias prévias	159
O “acontecimento”	162
Novas narrativas e reconstrução de significados	166
A linguagem na (re)construção de significados	170



<b>9. Insights e mudanças vinculares</b>	<b>173</b>
<i>Insight</i> : uma breve revisão conceitual	174
Discussão	175
<i>Insight</i> , elaboração e reconstrução	178
O processo de mudança em terapia de casal	179
Objetivos e intervenções terapêuticas atuais	182
Metáforas em palavras e ações	187
<b>10. Interpretação e transferência em terapia de casal</b>	<b>193</b>
Espaço conceitual	194
Interpretação em terapia de casal	197
Transferência e interpretação em terapias combinadas	200
Particularidades interpretativas e transferenciais em terapia de casal	205
Transferência, contratransferência e ressonância	205
Intervenções terapêuticas diversas	207
Interpretação em terapia de casal	210
Interpretação transferencial em terapia de casal	215
Interpretação de sonhos em terapia de casal	218
Transferência paradoxal	225
<b>11. Terapeuta de casais</b>	<b>233</b>
Motivações para ser terapeuta de casais	234
Funções, intervenções e significados	236
Identificações com figuras parentais	239
O terapeuta e as conversações terapêuticas	241
Relação casal/terapeuta de casais	242

<b>12. O casal diante do espelho: reflexos da terapia de casal na vincularidade</b>	<b>245</b>
A partir de um novo olhar	246
Júlio e Lurdinha	247
Camila e Soraya	250
Ana Maria e Fábio	251
Alex e Mariana	253
Fernando e Marília	254
 <b>13. Pérolas: coletânea de pareceres nacionais contemporâneos</b>	 <b>257</b>
O que os une? O que os separa?	258
<i>Ada Pellegrini Lemos</i>	
Terapeuta de casal ou maestro?	260
<i>Adriana Zilberman</i>	
Limites e angústias em terapia de casal	262
<i>Ceneide Maria de Oliveira Cerveny</i>	
Posição dos terapeutas de família sócios da Agatef sobre o atendimento de casais homossexuais	264
<i>Comitê de Terapia de Casal da Agatef</i>	
Transgeracionalidade e psicoterapia de casal	267
<i>Comitê de Psicoterapia de Casal e Família da SPRGS</i>	
Era uma vez... Sobre psicoterapia de casal	269
<i>Helena Centeno Hintz</i>	
A necessidade dos dois olhares	271
<i>Inúbia do Prado Duarte</i>	

Integrando diferenças	274
<i>Laurice Levy</i>	
Atendimento a casais	276
<i>Luiz Carlos Osorio e Maria Elizabeth Pascual do Valle</i>	
<b>Indicações e considerações gerais</b>	<b>277</b>
Laço conjugal: limites entre o desejo e o padecimento	280
<i>Magda Mello</i>	
Terapia de casal, quantos são? São dois, são três ou é um?	282
Ou são no mínimo seis?	
<i>Marilene Marodin</i>	
Descompassos	285
<i>Marli Kath Sattler</i>	
Casamentos	287
<i>Nira Lopes Acquaviva</i>	
A intimidade e o vínculo conjugal	289
<i>Maria Rita D'Angelo Seixas</i>	
Casamento, intimidade e cumplicidade	293
<i>Reges Chagas Gomes</i>	
Entre o EU e o TU: a criatividade,	294
daí então uma família	
<i>Sheyla Maria Borowski</i>	
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>297</b>

## Prefácio

Mais de perto, conheci Iara L. Camaratta Anton por ocasião de uma tarde de autógrafos, em 2001, na Feira do Livro, em Porto Alegre, em que compartilhávamos uma mesma mesa no local reservado na Feira que, tradicionalmente, é realizada na Praça da Alfândega. Ela lançava e autografava o seu bem sucedido livro *A escolha do cônjuge – um entendimento sistêmico e psicodinâmico*, enquanto eu fazia o mesmo com o meu *Fundamentos psicanalíticos. Teoria, técnica e clínica*, ambos publicados pela Editora Artmed.

Não obstante o fato de que, durante o tempo todo, estivéssemos ocupados com os respectivos autógrafos, Iara evidenciava uma maneira simpática e empática de se relacionar. Um pouco mais tarde, quando comecei a ler o seu referido mais novo livro, até então, fui sentindo maior admiração ainda por Iara, tanto pela sólida experiência clínica que demonstrava, quanto pelo domínio das conceituações teóricas, ambas aliadas a uma maneira clara e acessível de expor suas ideias.

Decorridos alguns longos anos, fui privilegiado com o convite de Iara para prefaciар o presente livro *O casal diante do espelho: psicoterapia de casal – teoria e técnica*. Ao final de minha atenta leitura da cópia que ela me cedeu, intimamente, eu reiterarei meus sentimentos, antes aludidos, acrescidos de uma convicção de que a autora está ainda mais amadurecida e segura no seu domínio das distintas correntes teóricas (psicanalítica e sistêmica, cognitivo-comportamental, entre outras mais) e, principalmente, no atendimento clínico de indivíduos, casais e famílias.

Destarte, a meu juízo, este novo livro de Iara se distingue por três pontos altos: o primeiro consiste na riqueza de convincentes vinhetas clínicas que permeiam toda a obra, nas quais a autora tece uma costura, uma

complementação e integração de diferentes notáveis autores e de correntes técnicas e teóricas. O outro ponto alto alude ao fato de que Iara se coloca de uma forma mais espontânea e corajosa, tomando posições diante de fatos polêmicos e expondo suas próprias ideias e condutas clínicas, sempre fundamentadas em sua já longa prática clínica, especialmente no atendimento de casais. O terceiro ponto a ressaltar alude ao fato de que Iara dá uma ênfase atualizada – predominantemente fundamentada nos princípios da psicanálise contemporânea, principalmente na moderna concepção de “vínculos” e de “configurações vinculares” – assim como também ela dá um especial realce ao importante fenômeno da especularidade, ou seja, a função de espelho (e que inspirou a autora para formular o título deste seu mais recente livro) que o terapeuta exerce no vínculo com seu “paciente-casal”, de uma forma análoga àquela que a mãe exerce com seu bebê.

Deste modo, Iara segue um roteiro de capítulos, mantendo uma certa ordem cronológica no surgimento dos fatos no campo terapêutico, tanto os essencialmente psicanalíticos, ou não, como: as indicações e restrições à terapia com casais; os primeiros contatos (por telefone; a entrevista preliminar; o contrato; a primeira sessão etc.); as técnicas recomendadas por Freud, especialmente a da neutralidade; as resistências; a transferência e a contratransferência; as interpretações; a aquisição de *insight*; a reconstrução; o casal diante do espelho e os consequentes reflexos na conjugalidade; a atitude contemporânea do terapeuta de casais, que a autora sintetiza nessa sua bela frase: “uma nova forma de o terapeuta olhar e escutar” etc.

Em resumo, é tão abrangente e ilustrado o leque de considerações acerca da técnica e da prática da terapia de casal, que eu considero que estamos diante de um novo Manual, que pode e deve servir como um acessível livro didático, dirigido não só para os colegas iniciantes, como também para

os veteranos, e penso que também será de grande valia para professores que o adotem para estudos de seus alunos e discussões em seminários clínicos, a partir das instigantes vinhetas clínicas.

Não posso encerrar esse prefácio sem parabenizar, agradecer e felicitar a autora, Iara. Os parabéns são para reconhecer seu fôlego e competência na feitura do livro; o agradecimento é pela sua gestação de um compêndio que, certamente, será de utilidade para todos nós; e os votos de felicidade constituem uma forma de reconhecimento de que este livro merece uma larga difusão e uma longa vida.

David Zimmerman



## **Apresentação**

A situação triangular, experimentada em terapia de casal, dá margem a algumas particularidades, que se refletem diretamente no vínculo casal e terapeuta, e na aliança de trabalho necessária a um investimento de boa qualidade. Inspirado em tais circunstâncias, foi criado este livro no qual encontram-se reunidos alguns conteúdos teóricos e técnicos que têm em vista elementos fundamentais para o estabelecimento de uma boa aliança terapêutica em terapia de casal.

Conforme bem sabemos, na experiência estão as bases para a pesquisa e o desenvolvimento científico. Nas teorias encontram-se importantes subsídios, que não apenas organizam descobertas e reflexões passadas, como também representam degraus que possibilitam novos olhares, novas escutas, novos saberes e novas ações.

Pode ser oportuno lembrarmos também que nas inconsistências e lacunas que, inevitavelmente, insinuam-se tanto entre as experiências e as práticas quanto entre as mais qualificadas fundamentações teóricas, encontram-se a oportunidade, o estímulo e as possibilidades de crescimento e mudança.

No geral, ao descobrirmos inconsistências e elaborarmos novas teorias ou desenvolvermos novas técnicas, apaixonamo-nos pela causa adotada e perdemos boa parte da “objetividade” – “objetividade” esta propositalmente colocada entre aspas, pois, aconteça o que acontecer, estaremos observando os fatos a partir de nosso ângulo de visão.

A terapia de casal ganhou corpo a partir da sustentação dada pela teoria geral dos sistemas, da teoria da comunicação e da cibernética. Desde seus primórdios, muito já se desenvolveu, corrigindo e aprimorando pontos de



vista, descortinando novos horizontes, enriquecendo-se sob aspectos teóricos e técnicos. Os resultados são tão efetivos e publicamente reconhecidos que a demanda por terapia de casal e de família aumentou enormemente.

Apesar disso, um dos aspectos que mais me chamam a atenção – relativo a lacunas – é o quase abandono, por parte de muitos terapeutas de casal, de noções básicas de psicologia e psicoterapia de origem psicodinâmica. (Não é sem razão que se observa uma infinidade de abandonos precoces por parte de casais em terapia). E outro dado, no mínimo, curioso: alguns terapeutas decidem que o casal “está bem”, encorajando-o a dar por encerrado o processo, e o mesmo casal busca imediatamente a ajuda de outro terapeuta, por imaginá-lo mais capacitado a aprofundar o trabalho aspirado. Alguns depoimentos:

**Judite e Carlos Henrique:**

— As sessões iam ficando cada vez mais vazias, parecendo que nada mais havia a acrescentar. Emudecíamos, e o terapeuta achou que já havíamos conquistado nossos objetivos. Nada havia mudado!

**Madalena e Ruy:**

— Nós conquistamos algumas coisas e comunicamos a ele, muito felizes. Ele comemorou conosco, ficou muito feliz. Na sessão seguinte, como continuávamos bem, dispensou-nos da terapia, alegando que as técnicas da terapia de casal são breves. Só faltava dar-nos os parabéns. Saímos de lá irritados, com a sensação de que ele não tinha a menor ideia da dimensão de nossos conflitos.

**Helenita e Adilson:**

— Ficamos muito tempo achando que poderíamos melhorar, praticando todos aqueles exercícios ridículos. Desenhos... Historinhas... Um dia mandar um, um dia mandar outro... Um dia poder criticar e se queixar, outro dia elogiar... Fizemos a nossa parte, mas nos sentíamos cada vez mais aborrecidos, e ele nem sequer se deu conta. Ali, fomos obedientes, exatamente como em toda a nossa vida: nós dois sempre fomos bem-mandados e isso nos deixava completamente infelizes. Nosso terapeuta observava repetições, analisando o genograma, mas nunca observou as repetições que apareciam em nossa relação com ele. Nós achávamos que ele estava mais interessado em nossas famílias do que em nós mesmos. E saímos com a sensação de termos perdido mais de ano em um investimento inútil. Ainda bem que não desistimos e voltamos a nos tratar!

Com certeza, qualquer modelo teórico e técnico tem suas falhas, e não há terapeuta que não tenha apresentado pontos cegos e aprendido com suas inconsistências, incoerências e outras dificuldades. O importante é refletirmos sobre o vivido, para seguirmos crescendo com a vida. O importante é compartilharmos nossas observações e reflexões, aprendendo uns com os outros.

*O casal diante do espelho. Psicoterapia de casal – teoria e técnica* é um livro que tem exatamente esta intenção: compartilhar. Sua escrita só se tornou possível graças ao que outros, das mais diversas formas, já compartilharam. Nele, abordam-se, com relativa simplicidade, alguns temas complexos, que envolvem a vida de cada um de nós, com seus desafios, seus conflitos íntimos e relacionais, acertos e erros, alegrias e derrotas. Procura-se demonstrar como os sofrimentos vividos podem ter características e efeitos corrosivos ou, pelo

contrário, proporcionar novas conquistas e melhor qualidade de vida e de vínculos. O livro discorre sobre algumas vicissitudes do processo psicoterapêutico, com ênfase no casal. Com certeza, traz algumas respostas. Mas o que talvez constitua a essência desta proposta é a descrição de cenas do cotidiano trabalhadas no *setting* terapêutico, o levantamento de hipóteses, a exposição de alternativas de entendimento e abordagens, a validação de dúvidas e a multiplicação das perguntas – fontes de novas buscas, de novos saberes e de novos patamares de desenvolvimento.

Algumas questões se destacam, e é a elas que a ênfase será dada na presente escrita. Trata-se da observação de fenômenos psíquicos que se apresentam na psicoterapia de casais, de uma forma, por vezes, mais simples e clara e, por outras, mais complexa do que em atendimentos individuais, favorecendo, perturbando ou até bloqueando o sucesso do investimento. Preocupante e limitador se tornam, quando o psicoterapeuta ignora ou desconsidera esses fenômenos, levando a resultados efêmeros ou duvidosos, a tratamentos sem fim ou, pelo contrário, a abandonos precoces.

A literatura dirigida a terapeutas de casais frequentemente insinua ou declara críticas a teorias e a técnicas diferentes das adotadas pelo autor e por seus grupos, sendo que alguns jovens profissionais as adotam (identificados com seus mestres), sem nunca terem parado para ir mais a fundo, na tentativa de entenderem em que aspectos tais críticas podem ser razoáveis e estão bem fundamentadas, e quando não passam de manifestações que denotam desconhecimento, superficialidade, leviandade e até arrogância. Há a proposta de analisar algumas dessas críticas ao longo do trabalho, mas o foco dirigir-se-á, especialmente, a teorias de efeito prático, tais como as referentes aos mecanismos de adaptação e defesa, ao contrato de trabalho e à aliança terapêutica, à transferência e às resistências, sempre ligadas ao fenômeno conjugal, ao

triângulo e às conversações terapêuticas. Penso que compreender esses processos, interpretá-los e trabalhá-los, constitui elemento essencial, mesmo quando são empregadas outras técnicas, que não as psicanalíticas. Por quê? Simplesmente porque qualquer técnica empregada precisa levar em conta não apenas os sintomas, mas aquilo que os origina e sustenta. Não se tratando de psicoterapia de orientação psicodinâmica, não cabem determinadas interpretações, pois estas não fazem parte do método e, por isso mesmo, poderiam ser ineficazes ou até perniciosas. Mas o terapeuta deve tentar compreendê-las, tomando-as como base para suas intervenções e como inspirações potencialmente úteis ao diálogo terapêutico.

Pretende-se abordar, neste livro, algumas das principais contribuições psicanalíticas ao tratamento que, para simplificar, poderia se chamar “emocional” das pessoas. Sim, pois a palavra “emocional” pode ter vários significados e mostrar-se muito abrangente, na medida em que inclui aspectos intrapsíquicos, físicos e relacionais, perfeitamente integrados. Tenho percebido, em grupos de estudo, em aulas, palestras, congressos e supervisões, que muitos limites e impasses na terapia de casais são devidos a desconhecimentos e a desconsiderações relacionados a psicodinâmica, entre os quais merecem ênfase o estabelecimento da aliança de trabalho, o reconhecimento acerca de resistências inconscientes, a atenção a fenômenos transferenciais e contratransferenciais, a elaboração de conflitos e a existência de mecanismos de defesa compartilhados pelo casal.

A escrita deste livro, seguindo minhas tendências anteriores, considera o casamento a partir das principais contribuições da psicanálise e da sistêmica. Tarefa impossível? Com certeza muitos profissionais sérios e competentes (de ambos os lados) pensam que sim: estamos diante de uma tarefa impossível, como o casamento entre diferentes espécies de seres vivos – uma ave e

um peixe, por exemplo. Mas estou convencida do contrário, alinhando-me entre aqueles estudiosos que valorizam o reconhecimento e a valorização da alteridade, atentos à complexidade da vida sobre a face da terra, dentro e fora de cada um de nós.

Evidentemente, trata-se de uma síntese pessoal, originada de experiências clínicas e consistentes fundamentações teóricas. Como acontece com todo o ato de compartilhamento, ao expor-se tesouros, expõem-se também lacunas e inconsistências. E é por aí que retorno aos primeiros parágrafos da presente introdução, desejando que se trate de uma leitura proveitosa, que dê margem a reflexões e, inevitavelmente, a críticas, que nos estimulam a seguirmos avançando em direção a nossos ideais. Gostaria de receber seus retornos, para que possamos, de uma ou de outra forma, aprendermos juntos.

Iara L. Camaratta Anton  
iaracamaratta@gmail.com

## CRIANÇAS X TERAPIA DE CASAL

---

*Crianças levadas à terapia frequentemente estão refletindo conflitos mal resolvidos da parte de seus pais. A experiência clínica tem demonstrado que os “problemas” que elas apresentam expressam, na maior parte das vezes, os dilemas normais de um ser humano em desenvolvimento. A criança e seus pais trocam estímulos, continuamente. Que estímulos são estes e de que modo se manifestam é fator decisivo nos rumos da história. O modo como o casal parental lida com as manifestações infantis está arraigado em suas próprias vivências e no “contrato secreto”, ou seja, inconsciente, que caracteriza seu vínculo conjugal.*

*Por vezes, os adultos atribuem a seus filhos funções antinaturais, projetam neles seus próprios conflitos, e os conduzem para becos sem saída. Quanto mais os pais necessitam de uma criança com problemas – mesmo que acreditem no contrário – menos chances ela tem de aproveitar bem uma terapia individual. A abordagem familiar costuma ter resultados mais rápidos e consistentes. A partir dessa experiência terapêutica, muitos pais passam a reconhecer as próprias dificuldades pessoais e vinculares, concluindo que o filho os levou ao tratamento...*

## Questionamentos de uma psicoterapeuta de crianças

Durante os anos 1970/1980, em nosso meio (sul do Brasil), posições teórico-técnicas mais radicais exigiam pouco contato entre o analista ou psicoterapeuta e os pais das crianças em atendimento, para evitar a “contaminação do *setting*” e para não prejudicar a tão propagada “neutralidade”, pois o trabalho consistia, principalmente, em interpretar o que o paciente expressava por meio de suas atividades lúdicas. Mas manter os pais à distância, conforme o considerado ideal por teóricos que norteavam a psicanálise e a psicoterapia infantis, resultava em dificuldades extras, tanto para construir quanto para manter uma boa aliança de trabalho. Em alguns casos, os pais sentiam-se aliviados, ao projetarem no filho o que sentiam como ruim, entregando-o aos cuidados de terceiros (real ou supostamente qualificados), e essa espécie de “entrega” poderia dar a falsa ideia de adesão, de apoio ao tratamento, ficando as dificuldades de se obter resultados consistentes colocadas sobre a criança. A aliança não poderia ser só com o paciente, uma vez que ele era encaminhado e mantido no tratamento a partir do interesse de seus pais. A relação transferencial e contratransferencial também incluía aqueles que, na prática, estavam excluídos do processo, mas eram seus mantenedores, e esse consistia num ingrediente extra, num complicador, num tipo muito especial de complexidade terapêutica. E mais: o interesse infantil em seguir o processo não era levado em conta, quando os pais julgavam que a terapia não estava obtendo os resultados por eles desejados ou, pelo contrário, quando os bons resultados acabavam interferindo na dinâmica familiar estabelecida.

1970. Carlos Henrique, aos dez anos de idade, beira à genialidade, apesar de irrequieto, irritadiço e mal-humorado. Hoje, possivelmente, receberia rapidamente o diagnóstico de distímia, de bipolaridade ou de hiperatividade...

Seus pais diziam que ele “nasceu assim” e que, desde suas primeiras consultas pediátricas, recebeu o diagnóstico de “disritmia”. O neurologista sugeriu-lhes uma “ludoterapia”, mas os pais julgavam “tempo e dinheiro postos fora”, uma vez que “o problema era orgânico”. Quando o irmão nasceu, os pais aumentaram a vigilância sobre o primogênito, que contava, então, quatro anos de idade. Este nunca pôde, por exemplo, ficar sozinho com o caçula, pois, de acordo com o casal, seria “bem capaz de matá-lo”. Todas as brigas de família, todos os mal-estares por eles vividos eram atribuídos à “disritmia” de Carlos Henrique.

Na escola, apesar de seus excelentes resultados pedagógicos, também era, repetidas vezes, recomendado que ele se tratasse. Em vão. Certo dia, Carlos Henrique envolveu-se em uma briga, atacando violentamente um menino paraplégico durante a hora do recreio escolar. Quando a professora veio apartá-los, na tentativa de proteger aquele que estava em posição mais indefesa, foi perfurada por um canivete, vítima da fúria insana do aluno “disrítico”. A escola decidiu dar um basta, exigindo o tratamento psicológico imediato, sob pena de expulsão, com exposição oficial e clara do motivo. Nesse contexto, sem opção, os pais procuraram ajuda.

Carlos Henrique mostrava-se, em sua terapia individual, consciente de suas inadequações, cheio de sentimentos de culpa e sensação de total impotência. Principalmente por meio de desenhos e da elaboração de contos, expressava suas vivências psíquicas e ia deixando mais claro a cada dia que fora criado para ser o “bode expiatório” da família. O foco, porém, estava em suas fantasias, em seus impulsos, em sua enorme dificuldade de se conter. Compreendendo e elaborando seus conflitos, mudou rapidamente o comportamento



social e escolar, recebendo só elogios, que os pais menosprezavam, por meio da permanente colocação de senões: “Boas notas?... Mas é porque oferecemos todos os recursos para que ele as obtenha. Gentil e bem educado?... Está enganando bem o menino! Colaborador?... Em casa, só atrapalha. Amigo de seus amigos?... Você tem que ver que horror ele é com o próprio irmão!”

Carlos Henrique aprendeu a evadir-se das armadilhas familiares, afastando-se hábil e sistematicamente das ocasiões de conflito. A mãe começou a apresentar crises de raiva, indispondo-se com vizinhos e familiares. O pai passou a apresentar dificuldades em sua carreira profissional. O irmão acentuou seus trejeitos efeminados, vindo a ser ridicularizado pelos colegas de escola. A família toda se desequilibrou. E assim, de um dia para o outro, sem que fosse permitida sequer uma sessão de despedida, a mãe deixou o último pagamento sob a soleira da porta do consultório do terapeuta com um bilhete: “Ele está muito bem, obrigada! Não precisa mais de terapia”. E o casal recusou-se a atender os telefonemas do terapeuta, que desejava propor-lhes, ao menos, um último encontro com o menino.

Muitos anos depois, a mãe ligou para o terapeuta, com voz emocionada, dizendo:

— Eu lhe devo uma explicação. Estava demais para nós. Carlos Henrique mudou muito, e você merece saber que ele segue muito bem. Devemos isso a você, mas nós o odiávamos, apesar de tudo. Hoje, ele completa 23 anos. Está se formando na universidade, e sempre se mostrou um excelente aluno, uma excelente pessoa. Parabéns.

E este foi o último contato, tendo a mãe deixado o terapeuta, mais uma vez, sem palavras e sem alternativas.

As crianças, a sós com o terapeuta na sala reservada à terapia infantil individual, frequentemente conseguem expressar bem seus impulsos, sentimentos e fantasias inconscientes, ouvir interpretações, inclusive transferenciais, e elaborar alguns conflitos. Resistências podem ser facilmente observáveis, bem como algumas das motivações para que elas ocorram. Boa parte das resistências se justifica pela adaptação à dinâmica familiar, sendo que diversos sintomas (ansiedade de separação, fobias generalizadas associadas ao medo de ficar na escola e de sair de casa, agressividade excessiva, desobediência sistemática etc.) estão a serviço de dificuldades parentais.

Observa-se, em diversas circunstâncias, que a mudança do filho em uma terapia individual é acompanhada por mudanças na dinâmica da família, ainda que essas mudanças nem sempre sejam para melhor. Um exemplo disso está na simples troca de “bodes expiatórios”. Também se observa que algumas crianças parecem mudar consistentemente dentro da sala de terapia e no ambiente escolar, mas não no ambiente familiar. E que outras fazem uma dissociação entre “o bom pai ou a boa mãe terapeuta” e os “maus pais ou mães de família”. Que alguns pais e mães sentem-se enciumados ou invejosos em relação ao terapeuta. E que várias crianças, uma vez esbatidos os sintomas, são retiradas precocemente da terapia, porque já não causam incômodo ou porque a mudança de um se reflete nos demais, desorganizando o ambiente familiar e exigindo uma melhor distribuição de lugares e de funções.

Pode ser muito difícil trabalhar sem incluir os pais no processo. Mas, nos idos dos anos 1970 e 1980, qualquer terapeuta jovem recearia ser criticado e excluído se assim o fizesse, criando-se, então, um conflito ético: deveria o terapeuta se enquadrar passivamente em certas orientações teóricas e técnicas ou seria mais positivo fazer adaptações e incluir os pais no processo?

De minha parte, ousei buscar um meio-termo: pelo menos uma vez por mês, realizava sessões só com os pais ou sessões de família, com resultados altamente favoráveis.

Percebia que, assim, os pais apresentavam-me o que “de fato” (segundo suas prioridades e versões da história) estava ocorrendo em seu dia a dia, e podíamos trabalhar em parceria aspectos importantes da dinâmica familiar, pois diferentes ângulos de visão podem enriquecer o conjunto, permitindo “conversações mais terapêuticas”. Mudanças, nesses casos, são menos abruptas e também menos lentas, portanto, mais confiáveis, efetivas e duradouras. Percebi também a diminuição de conflitos relativos a ciúmes e inveja, pois qualquer progresso ficava claramente associado a um empenho conjunto, e não apenas a habilidades por parte do terapeuta. Boicotes e abandonos tornavam-se bem menores; conflitos de lealdade ocorriam com menos intensidade nas crianças. Resultados positivos, portanto. Assumi, definitivamente, que ética não significa adesão total e irrestrita aos ensinamentos daqueles que tomamos como mestres. Significa cuidar de nós mesmos e de nossa formação; podermos olhar para cada paciente (individual, casal ou família) como único e sermos capazes de fazer as adaptações necessárias ao sucesso terapêutico.

Uma das coisas que mais passou a me chamar a atenção foi a íntima relação entre as dificuldades (disfunções, sintomas, patologias) infantis e as dinâmicas do casal e da família. Então, num primeiro momento, comecei a estabelecer paralelos entre a psicodinâmica individual e aquela que se evidenciava por meio dos principais vínculos estabelecidos. A percepção, em alguns momentos, acentuava-se tanto, que bem se poderia “vaticinar o futuro”, prevendo as tendências, se algo não fosse feito a tempo, de modo a romper determinadas tendências homeostáticas, que atribuíam lugares e funções inadequados aos diferentes membros das famílias.

Parecia-me, portanto, impossível dissociar a psicoterapia infantil do atendimento ao casal-parental. E evidenciava-se, cada vez mais, que a criança é peça essencial de uma engrenagem que envolve a família tanto sob um ponto de vista horizontal (aqui e agora) quanto vertical (passado, presente e futuro, envolvendo diferentes gerações), sem esquecermos a cultura na qual todos esses elementos encontram-se inseridos e têm vivido sua história.

## Revisando conceitos e preconceitos

As experiências clínicas vividas, apoiadas em estudos que ganharam destaque em todo o mundo, nas últimas décadas, levaram-me a dar preferência ao atendimento individual (adultos) e de casais. Em menor número, atendo crianças, mas sob uma condição: que seja em psicoterapia familiar.

Minha ênfase na pesquisa e em publicações a respeito da psicodinâmica e da psicoterapia de casais deve-se ao fato de vê-los numa encruzilhada, na qual passado e futuro se encontram. Sem dúvida, suas escolhas e o “contrato secreto” que os une são inspirados (quando não, determinados) por experiências infantis. E os filhos que terão são frutos não apenas da genética, mas também de fatores conjugais, familiares, socioeconômicos e culturais, por exemplo, de fundamental importância.

Em nosso meio (POA/RS), alguns profissionais tornaram-se referência em suas áreas, por sua postura ética, científica, questionadora e flexível. Um de nossos principais ícones é David Zimerman (1997, p. 128), que assim escreve:

Particularmente, ainda conservo e utilizo os principais fundamentos da escola kleiniana, no entanto, sem aquela conhecida rigidez que a caracterizou em certa época, ao mesmo tempo adotei uma linha pluralista de referenciais

provindos de outras escolas e, acima de tudo, fui sofrendo transformações na forma de entender e trabalhar psicanaliticamente com grupos, à medida que fui aprendendo o que os pacientes me ensinavam na clínica privada.

Dessa forma, incorporo-me àqueles que pensam que a problemática atual vai “mais além” da conflitiva básica das pulsões e defesas, fantasias e ansiedades, agressão destrutiva e culpas etc. O aspecto predominante da atualidade consiste em que se reconheça em cada indivíduo e no grupo como um todo, além da habitual presença dos sintomas e traços caracterológicos, o desempenho de papéis, posições, valores, modelos, ideais, projetos, atitudes, configurações vinculares, pressões da realidade exterior, sempre levando em conta que a subjetividade permanentemente acompanha e é inseparável dos processos da cultura e da vida social contemporânea. De modo algum, isso implica subordinar a terapia psicanalítica às condições da cultura atual, mas, sim, em ajudar as pessoas do grupo a se harmonizarem com ela, a partir da aquisição de uma liberdade interna. Os limites da pessoa se estendem ao do grupo e da sociedade na qual estão inseridos.

Aqui vale uma associação de ideias, que pode ser aplicada a mudanças almeçadas pelos pacientes em terapia, e pelos próprios terapeutas: Bonder (1998, p. 47), rabino e escritor, reescreve a “Travessia do Mar Morto”, episódio bíblico que retrata os conflitos do povo hebreu, ao deixar o Egito (cuja etimologia é “lugar estreito”), símbolo de um lugar que já foi bom, mas deixou de ser. Considera este um evento paradigmático do momento de encontro dos interesses do corpo e da alma. Completa: “Todos nós deparamos com lugares que se tornam estreitos em determinados momentos. Estes lugares, que outrora serviram para nosso desenvolvimento e crescimento, se tornaram apertados e limitadores”.

Analisa os quatro acampamentos hebraicos como expressões das diferentes posições diante de situações conflitivas: “um quer recuar, outro deseja lutar, um terceiro pretende jogar-se ao mar, e o quarto se mobiliza em orações”. Nenhum dos acampamentos representa a saída. E surge a ordem divina, anunciada por Moisés: “Diga a Israel que marche”. Completa Bonder (Ibid., p. 49): “Marchar, dar andamento, a quê? Para onde?”

Estas são algumas das questões que se reapresentam permanentemente dentro de cada um de nós. Na prática clínica, não há lugar para acampamentos semelhantes aos dos que se formaram diante do Mar Morto. Soluções são continuamente colocadas em prática, reavaliadas e adaptadas, e tais medidas colocam em marcha não apenas cada psicoterapia em particular, mas o próprio desenvolvimento da profissão, desde suas bases teóricas até suas aplicações clínicas.

Bonder (Ibid., p. 51) reproduz o poeta e filósofo Gabirol, dizendo que ele

... menciona quatro estágios distintos no reconhecimento da estreiteza de um lugar. Há os que:

- 1) sabem e sabem que sabem;
- 2) sabem, mas não sabem que sabem;
- 3) não sabem e sequer sabem que não sabem;
- 4) não sabem, mas presumem que sabem.

A questão do saber é bastante complexa e pode se tornar extremamente limitadora em qualquer uma das posições elencadas, inclusive na primeira. Por quê? Porque, ao sabermos que sabemos, podemos presumir que sabemos bem mais do que realmente é sabido. Neste momento, enchemo-nos de certezas e paramos de buscar e de crescer. Razões como estas justificam o fato

de que, quanto maior e melhor a experiência clínica que se adquire, mais se tende a adotar posições semelhantes às descritas por Zimerman.

Atenta a questões introduzidas a partir de relações terapêuticas de muitos anos atrás, justifico a ênfase à terapia de casais, a partir de algumas vinhetas clínicas selecionadas para o presente trabalho, pois os filhos facilmente tornam-se porta-vozes dos casais que os levam para a terapia, sem perceberem quanto e como os processos individuais e familiares estão profundamente ligados entre si. O comportamento sintomático pode funcionar, simultaneamente, como uma denúncia e como um pedido de ajuda.

## A pequenina Sofia

A garotinha estava com cinco anos na época em que sua mãe procurou terapia, preocupada com a permanente recusa da menina em ficar na escola. Ela era filha única, extremamente apegada à pessoa materna e à casa da família. Recusou-se a fazer a escola maternal, mas agora, em vésperas da primeira série, a mãe preocupava-se em socializá-la. Na grande família, não havia primos. Nas redondezas, não habitavam crianças de sua faixa etária. Em praças, ela recusava-se a se afastar da mãe e a brincar com outros. Em férias, os pais de Sofia preferiam viajar, hospedando-se em hotéis nos quais não havia tempo para que ela se familiarizasse com ambiente e se enturmasse com outras crianças. A pequena e sua mãe eram infinitamente sós, e o pai, ausente.

Na sala de ludoterapia, a garota reunia os bonecos criando situações nas quais se reproduzia o cenário familiar típico e a eterna sensação de que, se ela se afastasse, alguma tragédia poderia acontecer.

Preocupada consigo mesma? Sim, evidentemente. Mas a preocupação residia na desunião entre os pais e na certeza de que ela era a única pessoa a mantê-los vivos e casados. Expressava claramente a percepção das tendências esquizóides do pai. Sentia-se responsável pela sobrevivência emocional de ambos e pela preservação do casamento. Sofia e sua terapeuta criavam, juntas, diferentes cenários e inventavam histórias. E ela acabava por expressar algo mais do que a fragilidade individual de seus pais, o tênue laço que os unia, a raiva silenciosa que os minava, o fogo que ameaçava destruir seu lar. Acentuava-se a pergunta: como sair de perto, como aprender a voar?

Em determinada sessão, Sofia ergueu uma floresta, dando especial atenção a uma árvore. Era uma árvore oca, no alto da qual papai-passarinho e mamãe-passarinho construíram seu ninho.

— Aqui, ó! Bem aqui. Eles eram fracos, estavam exaustos depois da longa viagem. Coitadinhos, como sofreram. Passaram pelo frio e pelo calor. Tiveram fome.

— E por que escolheram este lugar?

— Eles eram de “turmas” (bandos) diferentes e foi nesta floresta que se encontraram. Aí começaram a namorar, e logo, logo chegou a hora do nenê nascer. Eles nem tinham tempo de construir um ninho melhor. Então acharam que este buraco na árvore estava muito bom. Aí o nenê-passarinho nasceu.

A garotinha seguia brincando quase silenciosa. Emitia sons, piados, trinados e gemidos. De repente, começou a imitar o som de uma tempestade, com muito vento. Pediu à terapeuta que dirigisse o foco do ventilador para sua floresta, sacudindo todas as árvores que agrupara. E disse:



— Oh, oh, meu Deus! Onde foram o papai-passarinho, a mamãe-passarinho? Será que se perderam? Será que estão feridos?

Colocou as mãos sobre seus olhinhos, como quem procura:

— Mamãe! Papai! Por favor! Como estão vocês?

A terapeuta ouvia e observava. Em dado momento, perguntou:

— O que está acontecendo com o nenê-passarinho?

— Ele está chamando, você não ouviu?

— Sim, ouvi. Mas onde ele está? Ele está bem?

— Ele ficou no ninho. Ele é pequeno e esperto. Quando percebeu a tempestade, ele se agachou, se grudou com força no fundo do ninho. O vento não o levou. Agora ele chama os pais que foram levados para longe. Mas, ouvindo o filhote piar, os pais encontram o caminho de volta.

— Como é que você sabe?

— Porque eu sei, ora!

— Você sabe o que sente um passarinho?

— Eu sei! É só ele não sair do ninho que o papai e a mamãe acabam voltando.

— Como acontece em sua casa? Papai e mamãe voltam porque você está lá?

— É...

— E se você sair?

— Eu tenho medo de me perder. Eu tenho medo de não encontrar o papai e a mamãe! Nunca mais!

Ansiedade de separação, por si só, é perfeitamente normal na infância, e por alguns momentos, também nas fases posteriores da vida. Ela tende a ocorrer diante de situações novas, nas quais o indivíduo sente-se relativamente desamparado, inseguro com relação a seus recursos pessoais para enfrentar possíveis riscos, reais ou fantasiados. Quando excessiva, como na vinheta clínica anterior, indica conflitos maiores do que os usuais. Estes, em grande parte, estão fundados na história e na dinâmica familiar. No caso, Sofia percebia o que se passava e assumia o lugar, o papel e a função a ela designados. Podia percebê-lo em sua psicoterapia infantil. Mas teria ela força para mudar, quando o sintoma estava fundado nas suas necessidades e nas limitações de seus pais? Caso mudasse, em que outro lugar, ou de que outra forma reapareceriam os sinais de conflito e as defesas em relação às ameaças experimentadas?

Sofia começou a perceber os elos entre seus medos, suas defesas auto-limitadoras e suas funções no casamento de seus pais. Precisou de que eles se dessem conta disso e trabalhassem seus dilemas pessoais e conjugais para, finalmente, poder sair da casa para a escola e para o mundo.

## Os mentirosos

A vinheta a seguir permite-nos ilustrar o exato momento em que uma manobra terapêutica possibilitou a observação de algo antigo, como se fosse um fato inteiramente novo, e também a dinâmica conjugal espelhada no relacionamento familiar e denunciada pela espontaneidade infantil. Outras, semelhantes a esta, aconteceram inúmeras vezes. Parece-me bem ilustrativa, pois marcou uma importante mudança no processo terapêutico e, seguramente, na vida da família em cena. Permito-me narrá-la em linguagem de história de fadas:

Era uma vez uma linda família, composta por um pai, uma mãe, um menino de doze anos, e uma garotinha de oito. Discutiam muito, em alto e bom-tom. Seguramente, mal e mal se ouviam, pois todos se ocupavam, continuamente, em rebater as acusações alheias, interessados em cativarem a confiança e a simpatia da terapeuta. Uma expressão era usada repetidas vezes, em absolutamente todas as sessões:

— Mentiroso! Mentirosa! Ele está mentindo! Por favor, não acredite nela!

Certo dia, a terapeuta convidou a menina para sentar-se pertinho dela e todos ficaram surpresos. Então, a terapeuta perguntou:

— O que você está vendo ali?

E a garotinha respondeu:

— Um relógio!

E a terapeuta:

— Sim, sim, é um relógio. Mas que parte do relógio você está vendo?

— Estou vendo a frente. São 10h15.

— Muito bem, e você? – dirigindo-se ao menino.

— Eu vejo o lado esquerdo do relógio. Aparece parte do maquinário dele. O apoio dele na mesa é bem interessante. Parece um jota.

— E você, mamãe?

— Eu vejo a parte de trás do relógio. Ele é meio transparente, e percebo que já são 10h16.

— E você, papai?

— O lado direito do relógio é parte da frente dele, pois ele está meio inclinado. Mas, daqui, não consigo ver as horas.

A terapeuta voltou-se para a menina:

— O que será que eu quis, fazendo a vocês essas perguntas?

E ela, imediatamente:

— Você quis nos mostrar que todos nós temos razão. A gente vê o mesmo relógio a partir de diferentes ângulos de visão.

Não será preciso dizer que, a partir desta sessão, eles começaram a ouvir o que o outro tinha a dizer.

Esta é uma família diante do espelho. O que eles puderam perceber, naquele momento, clareou tudo, ou melhor, quase tudo, e gerou uma mudança substancial nessa história vincular. Mas convém lembrar que ambos os filhos só desenvolveram esse padrão de comportamento porque estavam inseridos num contexto que os convidou e os ensinou a reproduzirem os desencontros parentais. Podemos imaginar quão limitados seriam os resultados de um tratamento infantil individual quando os conflitos em pauta eram plenamente sustentados pelo modelo fornecido, e quando os pais, até então, mostravam-se incapazes de conversar com atenção e respeito, seja entre si, seja na relação com seus filhos. Este casal poderia ter buscado ajuda terapêutica antes de se tornarem pai e mãe, ou ao perceberem que não conseguiam se entender perante seus filhos, enquanto estes se encontravam no início do desenvolvimento. Não é sem razão que inúmeros cônjuges, na atualidade, iniciam terapia familiar em função de um filho sintomático e depois (às vezes, muito em breve) passam à terapia de casal, declarando que “ele nos trouxe à terapia”.

## **Da psicoterapia infantil à terapia individual de adultos, de casais e de famílias**

Com certeza, algumas crianças apresentam dificuldades emocionais importantes e, até mesmo, quadros que indicam severa patologia. Como tal, precisam de tratamento psicológico e, muitas vezes, medicamentoso.

Mesmo assim, atualmente, a partir da experiência clínica pessoal, de grupos de estudo teóricos e técnicos e de outras fontes de informação/formação, minha tendência seria não aceitar crianças em terapia estritamente individual, na medida em que as entendo como fruto de um sistema que as gera e nutre física e emocionalmente. Potenciais genéticos e outros podem ou não se manifestar e ganhar corpo, o que depende de uma série de fatores colaterais. Um deles, de vital importância, diz respeito ao meio ambiente favorável à eclosão e ao desenvolvimento da saúde ou da doença.

Todas as crianças apresentam comportamentos potencialmente perturbadores, ainda que fazendo parte das expectativas normais de desenvolvimento. Um exemplo simplíssimo está nas crises de birra ao longo da fase que Freud denominou anal. Elas podem desencadear perplexidade e mal-estar entre os adultos, bem como acusações mútuas, constrangimento e dificuldade em impor limites adequados. Avaliações incorretas geram dificuldade em entender que o negativismo, acompanhado pelas referidas crises de birra, fazem parte da descoberta do eu e do desenvolvimento da autonomia pessoal. Assim, facilmente os pais se excedem nas tentativas de controle ou, pelo contrário, submetem-se aos caprichos infantis, por não suportarem qualquer tipo de confronto. O que era para ser simplesmente um importante passo na evolução egoica passa a ser fonte de conflitos e pode resultar num permanente desequilíbrio nas relações conjugais e familiares, bem como na

formação de sintomas. Quando o casal atingir certo grau de maturidade e de capacidade de lidar com suas próprias emoções, melhor saberá lidar com estes e outros desafios do ciclo evolutivo, e a criança irá experimentá-los saudavelmente, crescendo e aprendendo a viver bem, etapa após etapa.

Em terapia de casal, mesmo quando esta é procurada a partir de algum conflito do qual a criança apresenta-se como causa ou porta-voz, a tendência é que eles venham a perceber como, quando, por que e para que envolvem o filho em seus problemas. Uma vez que conseguem administrar melhor a si mesmos, como indivíduos e como par, a tendência é que os pequenos respondam com significativa mudança nos comportamentos até então considerados perturbadores. Entre as inúmeras razões para as respostas positivas, estão o desenvolvimento de uma maior capacidade de lidar com os conflitos íntimos e relacionais e o desenvolvimento de melhor capacidade de comunicação.